



Proposta De Análise Da Produção De Gêneros Jornalísticos Para O Jornal Laboratório Folha Corrida, Sob O Conceito Do Jornalismo Humanizado ¹

Sâmila Braga Chaves ²
Faculdade 7 de Setembro

Resumo

O presente artigo tem o intuito de apresentar os conceitos e experiências apreendidas durante a disciplina de Jornal Laboratório, do semestre 2009.2, e, a partir dessas vivências, apresentar a caracterização e conceituação da tríade do jornalismo diferenciado, para logo em seguida, se propor a analisar as produções - destinadas ao jornal-revista Folha Corrida - que mais se alinham a categorização de Jornalismo Humanizado. Nesse percurso, são levantados as considerações sobre o papel da disciplina de Jornal Laboratório, a descrição do projeto analisado, uma breve perspectiva das edições anteriores e o processo de planejamento, apuração e produção das matérias.

Palavras-chave

“Jornalismo Humanizado”, “Folha Corrida”, “jornal laboratório”, “análise de produção jornalística”.

I - CONTEXTUALIZAÇÃO

1. Os conceitos de Jornal Laboratório

A aprendizagem exige prática. Esta, por sua vez, exige conteúdo. É nesse intuito que os cursos de Jornalismo buscam mesclar saberes teóricos e vivências em *locu*. A tentativa de reprodução das formas e experiências da prática jornalística real no ambiente acadêmico principia por tornar-se forma e valor de conhecimentos para a carreira que se pretende seguir: o jornalismo.

A integração dos cursos de Jornalismo às faculdades de Filosofia imprimiu à formação dos futuros profissionais uma orientação teórica e humanista. Preparavam-se homens de letras, eruditos e estilistas da pena no lugar de homens de imprensa. Isso levou, durante muito tempo, os cursos a terem natureza discursiva. Assim, os profissionais formados nos cursos de Jornalismo voltados para essa tendência não levavam para as redações dos jornais a experiência prática ou o conhecimento teórico de sua profissão, embora tivessem um bom embasamento humanístico (LOPES, 1989, p. 31)

1

¹ Trabalho apresentado no Intercom - XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 10 a 12 de junho de 2010.

² Estudante de graduação 6º semestre do Curso de Jornalismo da FA7, e-mail: samila.jor@hotmail.com

O que acontece atualmente, é o sentido inverso do que foi descrito pelo autor em 1989. O tecnicismo se apossa cada vez mais dos cursos de Jornalismo. A formação humanística se vê quase que deixada de lado em detrimento da construção do saber prático, que na verdade, nada tem de efetivamente real, raras algumas exceções. É apenas um simulacro ou ensaio do que se vê nas redações dos grandes meios de comunicação. Como se pode pensar, tem-se nesse momento o espaço para erros e desconcertos. Todavia, é nesse momento também que o aluno-aprendiz se esboça enquanto semi-profissional. Já ai, revela habilidades, competências e a postura que tomara para si quando encarnar a figura de jornalista.

O produto do Jornal Laboratório, disciplina basilar dos cursos de Jornalismo, é sempre um jornal experimental. Em algumas vezes, traz as primeiras matérias publicadas dos alunos. É, por isso, reflexo de inexperiências e/ou acúmulo de novas experiências. Na contemporaneidade, o suporte impresso se faz desprezado, diante das mídias eletrônicas e multimídias modernas. O jornal laboratório é o contato mais direto dentro das faculdades com a prática do Jornalismo Impresso, pois o aluno-aprendiz é, então, assinatura e trabalho de apuração e redação da matéria veiculada.

Ao jornal-laboratório pode-se creditar uma mudança significativa na apreensão da competência profissional pelos jovens estudantes que optaram pelo ingresso no jornalismo através dos bancos universitários. Trata-se de uma experiência pouco conhecida fora do mundo acadêmico, cuja repercussão sociocultural começa a ganhar terreno em função de iniciativas duradouras realizadas pelas principais universidades brasileiras. (LOPES, 1989, p. 31)

2. A Disciplina

É a partir de alguns pontos levantados nos tópicos anteriores que entra em cena a discussão a respeito da disciplina de Jornal Laboratório do semestre de 2009.2, da Faculdade 7 de Setembro (FA7). Como em outros semestres, a disciplina se propôs a partir de debates e contextualizações que tiveram como resultante o jornal-revista Folha Corrida. Desde os primeiros exercícios de produção foi possível notar as dificuldades encontradas na concretização dos conceitos do “jornalismo diferenciado”. Foi identificada a diferenciação dos interesses da atual mídia vigente, o que se reflete

¹ Trabalho apresentado no Intercom - XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 10 a 12 de junho de 2010.

² Estudante de graduação 6º semestre do Curso de Jornalismo da FA7, e-mail: samila.jor@hotmail.com



visivelmente nas produções dos jornalistas de impresso que executam suas tarefas de produção. Tais interesses podem ser sintetizados no *interesse social*, que a mídia raramente leva em consideração, a menos que lhe traga algum retorno financeiro ou de representação; no *interesse comercial*, reinante nos veículos de comunicação, na maioria dos casos, determinante do que será publicado ou não; e no próprio *interesse pessoal* dos jornalistas ou da empresa de comunicação.

3. O jornal Folha Corrida

3.1. O projeto

“Informações e fatos de relevância que o olhar corriqueiro não consegue perceber”. Essa é a proposta primordial do projeto do jornal-revista Folha Corrida, produto das disciplinas de Jornal Laboratório da FA7. Essa, também, é a frase que sintetiza o projeto no sítio eletrônico da faculdade. O produto surgiu no semestre 2008.1. Desde então, passaram pela disciplina quatro turmas.

As principais características do projeto são: a) escolha de um logradouro diferente a cada semestre; b) proposta de aplicação dos conceitos de jornalismo contextualizado, humanizado e investigativo; c) caráter de denúncia; d) busca da diferenciação dos veículos da grande mídia; e) aprofundamento de algumas matérias; f) periodicidade semestral; g) linguagem com traços de maior liberdade; h) projeto gráfico diferenciado e formato não habitual; i) leves traços de *factualidade*; k) abertura para a inclusão dos elementos do jornalismo literário; l) agregação de distintos gêneros jornalísticos; m) a hibridização de gêneros jornalísticos a partir de características dos textos de veículos diferenciados – jornal e revista.

4. Escolha do logradouro

Após a apresentação do projeto do Folha Corrida aos alunos, o próximo passo seria a escolha do logradouro. Nomes foram elencados pelos estudantes, para a partir daí, levando em conta alguns critérios, determinados pelo professor, o logradouro ser

¹ Trabalho apresentado no Intercom - XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 10 a 12 de junho de 2010.

² Estudante de graduação 6º semestre do Curso de Jornalismo da FA7, e-mail: samila.jor@hotmail.com



definido. Um aspecto relevante que deve ser frisado é que no levantamento dos nomes de ruas e avenidas, interesses pessoais dos alunos predominaram. Tais quais, proximidade com sua própria casa, maior acessibilidade por sua parte, crença na segurança do local com base em apontamentos do senso comum ou experiências próprias, preferência pelas áreas nobres da cidade.

Depois de justificativas, houve uma votação, que seguia critérios, para uma melhor aproveitamento do logradouro. Foram eles: a) extensão territorial; b) Relevância do contexto histórico; c) O risco medido do processo de apuração de informações, a qualquer horário; d) Importância do entorno; e) Diversidade de atividades praticadas no local, e assim, sendo, das temáticas que poderiam ser explanadas nos textos.

Seguindo esses parâmetros, a Avenida Monsenhor Tabosa, na opinião da maioria, correspondia as necessidades de apuração e produção do Folha Corrida pelos alunos-aprendizes.

5. Análise da cobertura da mídia local sob o logradouro

Passada a etapa de escolha do logradouro, a fase seguinte foi a análise que a mídia impressa deu ao local no último um ano e meio. Para isso, foi definido o método de pesquisa. Cada aluno ficaria responsável pela coleta de dados de um mês, partindo de dezembro de 2007 a agosto de 2009. O resultado foi obtido a partir da observação de matérias dos dois principais jornais do Estado, Jornal O Povo e Diário do Nordeste. Todos puderam relatar suas pesquisas, e, quantitativa e qualitativamente, notou-se que a cobertura sobre a Avenida Monsenhor Tabosa nesse período, esteve orientada para três grandes temáticas: o comércio, o trânsito e o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae). Outro ponto encontrado na análise da cobertura, foi o privilégio dado a determinadas fontes. O ponto de vista de órgãos públicos e empresários aparecia constantemente nos textos, sem qualquer espaço para moradores ou segmentos mais populares que participam do movimento do logradouro. Ainda foi

¹ Trabalho apresentado no Intercom - XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 10 a 12 de junho de 2010.

² Estudante de graduação 6º semestre do Curso de Jornalismo da FA7, e-mail: samila.jor@hotmail.com

possível determinar que, o gênero ou formato majoritário, ou seja, que mais vezes apareceu, foi a notícia. Também é possível registrar que a sugestão seria a diferenciação desse modelo de cobertura, trazendo matérias aprofundadas sobre o formato de crônicas e reportagens, com uma multiplicidade de fontes e temáticas voltadas para o aspecto social.

CAPITULO II – IMPLEMENTO DO PROJETO

1. Flanação

Antes que se iniciasse o processo de apuração, ou mesmo compondo esse processo, se fez necessária a flanação. O conceito de flunar surgiu com o poeta francês Baudelaire, no ensaio *O Pintor da Vida Moderna*. O historiador canadense Laurent Turcot esclarece, segundo matéria da revista *Aventuras da História*, que o hábito de flunar veio talvez do "passeio parisiense da civilidade", presente no cotidiano da elite da Cidade Luz, por volta dos séculos XVI e XVII. A revista incluiu que "era uma forma de circular entre as pessoas da mesma classe, com o único objetivo de ver e ser visto". Contudo, no Brasil do século XX, o mesmo flunar de Baudelaire, serviu para retratar as peculiaridades do Brasil, sob a ótica de Paulo Barreto. Assumindo o pseudônimo de João do Rio, o escritor carioca (d)escreveu a *Alma Encantadora das Ruas*. Ele conceituou o hábito em sua obra:

É vagabundagem? Talvez. Flunar é a distinção de perambular com inteligência. Nada como o inútil para ser artístico. Daí, o desocupado *flaneur* ter sempre na mente dez mil coisas necessárias, imprescindíveis que podiam ficar eternamente adiadas (RIO, 2008, p.29)

Esse "perambular inteligente" é justamente o conceito que o jornalista precisa se apossar para apurar ou mesmo observar a realidade, a gente e a rua. É por meio da flanação que as pautas surgem, os aspectos omissos vêm a tona e as especificidades destacam-se. No caso específico do Folha Corrida, o conceito é fundante, já que há a escolha de uma rua, que deve ser trazida através de matérias, frutos de um jornalismo humanizado e contextualizado. Essa percepção, do que não está sendo mostrado rotineiramente pela

¹ Trabalho apresentado no Intercom - XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 10 a 12 de junho de 2010.

² Estudante de graduação 6º semestre do Curso de Jornalismo da FA7, e-mail: samila.jor@hotmail.com



grande mídia, é a base conceitual do jornal-revista. Direcionar a visão e notar elementos da diversidade do logradouro, assim como fez João do Rio, é conceber o jornalismo nos níveis que foram propostos.

Algumas [ruas] dão para malandras, outras para austeras; umas são pretensiosas, outras riem para os transeuntes e o destino as conduz como conduz o homem, {...} Oh sim, as ruas têm alma! Há ruas honestas, ruas ambíguas, ruas sinistras, ruas nobres, delicadas, trágicas, depravadas, puras, infames, ruas sem história, ruas tão velhas que bastam para contar a evolução de uma cidade inteira, ruas guerreiras, revoltosas, medrosas, *spleenéticas*, *snobs*, ruas aristocráticas, ruas amorosas, ruas covardes, que ficam sem pinga de sangue... (RIO. 2008, p. 30)

Atribuir características às ruas, abre lugar para a subjetividade do repórter e é um quebrar de ditames dentro do jornalismo objetivo e factual. No ato do flunar pela Avenida Monsenhor Tabosa, a riqueza de elementos se sobrepõe, da mesma forma que nas caracterizações de João do Rio, a Avenida pode ser personificada. A Monsenhor Tabosa é senão mulher *snob* e supérflua montada a cada manhã para receber os turistas e compradores, mas ao mesmo tempo, ainda guarda em si as saudades e os moradores do tempo em que era menina, religiosa, pacata. É história, dos princípios da Terra da Luz, assim como é honesta nas manhãs e depravada nos fins de noite, quando recebe o consumo do corpo e dos vícios.

2. Planejamento de pautas

Depois de conhecer a Avenida por meio das flanações, a turma realizou uma pesquisa histórica. O ponto de partida para a produção seria, a priori, o planejamento. Em uma reunião de pauta, com alunos e professor, os temas pretendidos foram postos. Foram então agrupados em três grandes grupos, que resultariam em três grandes reportagens. O modelo de pauta seguido se esquematiza por: temática, aspectos e fontes. As três pautas foram definidas e orientadas em sala.

Uma delas abordaria os aspectos referentes a ocupação do logradouro. De cunho histórico, traria como foi a chegada dos primeiros moradores, qual a origem do nome da rua, como se deu o planejamento urbano das vias, a quantas estaria a especulação imobiliária, quais foram as primeiras e/ou principais edificações de referência e como

¹ Trabalho apresentado no Intercom - XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 10 a 12 de junho de 2010.

² Estudante de graduação 6º semestre do Curso de Jornalismo da FA7, e-mail: samila.jor@hotmail.com



aconteceu o processo de “favelização” em parte do entorno. Outra, tinha como temática o Seminário da Prainha e todos os aspectos referentes a construção e atividades do espaço religioso. A última, trataria do comércio, buscando descobrir como houve a implantação dos comércios no local, como se dava a relação entre os moradores e o comércio, suas interferências, o perfil do comércio e do público consumidor, as condições de trabalho dos comerciários do logradouro, dentre outros pontos.

3. Processo de produção das matérias

Diferente das redações de jornais, onde o repórter se dedica exclusivamente a produção das matérias, direcionando tardes inteiras a isso, alguns estudantes, muitas vezes, podem somente dedicar pedaços de tempo a apuração e produção das reportagens. As demais atividades, como estágio e trabalho de outras disciplinas dificultam a integra a uma ou outra reportagem. Outro empecilho são os horários em comum dentro de uma equipe. Horários destoantes impediram que as matérias ficassem unificadas, tornando-as mosaicos, muitas vezes sem nexos e repetitivas. Não houve um processo de edição pelos grupos. Em certos momentos, as pautas propostas não se concretizaram, porque os aspectos levantados não supririam o que o logradouro oferecia. Ou, em oposto, novas pautas surgiram, revelando novos dados e fatos que só com a apuração mais aprofundada poderiam ser visualizados e compreendidos.

4. A tríade do jornalismo diferenciado

4.1. Jornalismo investigativo

Se buscarmos a origem da palavra investigação, encontraremos o princípio no latim *investigatiōne*. O dicionário de Língua Portuguesa 2008 da Editora Porto, concebe investigação como “ato ou efeito de investigar; inquirição; indagação; estudo ou série de estudos aprofundados sobre determinado tema, numa área científica ou artística; pesquisa”. Portanto, se nos apossarmos e modelarmos esse significado teremos um conceito capital do jornalismo em si. Para que as matérias sejam contextualizadas, seria

¹ Trabalho apresentado no Intercom - XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 10 a 12 de junho de 2010.

² Estudante de graduação 6º semestre do Curso de Jornalismo da FA7, e-mail: samila.jor@hotmail.com

necessário que essa idéia fosse trazida com bastante frequência para a produção textual jornalística.

O que acontece é que a associação de jornalismo e investigação, revertida na expressão jornalismo investigativo, adquiriu uma conotação policialesca. O autor Leandro Fortes, no livro *Jornalismo Investigativo*, esclarece:

Antes de tudo, a especialização investigativa gerou demandas próprias, rápidas de mais e desprovidas de regras preestabelecidas. Gerou, ainda, uma busca irremediavelmente feroz por trunfos jornalísticos ligados às denúncias do governo, o que mais tarde passou a ser designado – normalmente pelos atingidos – de “denuncismo de imprensa” [...] A classificação do caráter denunciante de certos grupos de imprensa tem relação própria com linhas editoriais de cada redação e, em alguns casos, é fruto de estratégias deliberadas de mercado, nem sempre baseadas na ética e na boa-fé jornalística. (FORTES, 2007, p. 21)

A investigação puramente arraigada deslocou-se para um só ramo do jornalismo, findando numa especialidade. Deveria ser, no entanto, parte integrante de todas as especialidades, inclusive do jornalismo factual e objetivo, mesmo que em menor escala. Tal categorização, possui uma organização sistematizada numa Associação, que coloca sua procedência em um grupo de jornalistas cujo intuito é a troca de experiências sobre reportagens investigativas.

A Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo foi criada por um grupo de jornalistas brasileiros interessados em trocar experiências, informações e dicas sobre reportagem, principalmente sobre reportagens investigativas. [...] A iniciativa nasceu no seminário 'Jornalismo Investigativo: Ética, Técnicas e Perigos'. (ABRAJI, *o que é*, net)

4.2. Jornalismo contextualizado

A definição de jornalismo contextualizado, em seu sentido mais simples, marca a produção textual jornalística como sendo indissociável da apuração precisa e do conhecimento do contexto social e todos os rudimentos ligados ao que o fato ou temática possam apresentar. A pluralidade de visões, argumentos, fontes, descrições, ambientações e detalhes das mais variadas naturezas compõem para o leitor o quadro ou os quadros que levarão a formação do conceito sobre o tema ou a notícia.

¹ Trabalho apresentado no Intercom - XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 10 a 12 de junho de 2010.

² Estudante de graduação 6º semestre do Curso de Jornalismo da FA7, e-mail: samila.jor@hotmail.com



Inclusive, a configuração estética e a linguagem do texto são essenciais. Carlos Alberto Vicchiatti evidencia em *Jornalismo: comunicação, literatura e compromisso social* a existência de um jornalismo mecânico, resquício de um tradicionalismo técnico, vigente há séculos. O jornalismo acaba, por tal motivo, se tornando ineficiente e não cumprindo a função social que lhe é cabível. O autor acredita que o jornalismo teima em não “questionar, apontar erros, buscar respostas aos verdadeiros anseios da sociedade” (VICCHIATTI). Voltamos a proposta de diferenciação do jornal-revista, com a aplicação do conceito de jornalismo contextualizado, acomodando o pressuposto no que diz Vicchiatti.

O jornalista pós-moderno precisa pensar sua função de instrumento-leitor da realidade em bases amplificadas, sintonizadas ao ser humano. Para isso, é necessário, embasamento social e estético. Assim, o jornalista conseguirá engajar-se no seu papel social, ou poderá contextualizar seu leitor, ouvinte ou telespectador, naquilo que está sendo noticiado. [...] Uma revolução de paradigmas ocorrida nas últimas rês décadas do século XX contrapõe-se ao fragmentado e exige a contextualização. Isso também se aplica ao jornalismo. (VICCHIATTI, 2005, p. 12).

É imprescindível observar que a prática desse tipo de jornalismo é indissociável do próprio jornalismo humanizado, já que eles acabam por se fundir, se completar, sendo interdependentes, para a realização do jornalismo caracterizado como diverso do que está sendo aqui criticado.

4.3. Jornalismo humanizado

4.2.1. Conceituação

A bibliografia sobre a temática é muito escassa, já que a maioria dos teóricos prendem-se a arte do “como fazer”, segundo explica Cremilda Medina. A própria nomenclatura confunde e se torna ambígua. Já que dá margem, como se pode ver em alguns blogs, para a idéia de “jornalismo que auxilia, humanitário”. O grande valor está na humanização, no sentido de transpor as barreiras da objetividade medíocre e insalubre do factual. Humanizar, levando para o texto as fontes, não como simples declarações que preenchem um espaço exigido pela técnica, mas para transmitir ao leitor aquela determinada realidade ou situação sob a perspectiva do agente social que a moldou ou

¹ Trabalho apresentado no Intercom - XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 10 a 12 de junho de 2010.

² Estudante de graduação 6º semestre do Curso de Jornalismo da FA7, e-mail: samila.jor@hotmail.com

que esteve inserido na ação.

A importância do jornalismo está contida na premissa de que precisa ser útil, de modo particular. Precisa dar ao público a sensação de que a vida não é apenas uma seqüência de fatos ocasionais. A imprensa fracassa, neste sentido, tratando os assuntos à base de *flashes* que, instantaneamente, devem fazer com que o povo logo esqueça e esteja pronto para absorver - e consumir - o que vem a seguir. (VICCHIATTI, 2005, p. 57).

A fuga de um jornalismo declaratório, puramente casual e tecnicista é a porta de entrada para a concepção de jornalismo humanizado. É, para isso, preciso tratar os personagens com o respeito da compreensão de qual o seu papel perante as circunstâncias e nas quais ele está colocado, encontrando modos de apreensão de contexto para imprimi-lo no texto. Sem preconceitos, pré-julgamentos ou artifícios de linguagem. Vicchiatti confia no engajamento do profissional, quando cita Sfreddo, como solução efetiva para a transformação do jornalista dentro do Processo de Comunicação – lembre-se, “Social”.

No capítulo seguinte, com base nesses valores de um jornalismo que prioriza o valor da fonte e seu papel no meio social e no auxílio do “destrinchamento” dos fatos, busco alinhar as matérias produzidas par ao Folha Corrida que mais se alinhem ao padrão dessa opção de jornalismo.

4.2.2. Caracterização

Conforme discussão em sala sobre as características do Jornalismo Humanizado, a partir da exemplificação com o a utilização de reportagens cujos elementos obedeciam a categorização, foram elencadas as seguintes características: a) O uso do personagem e sua experiência de vida para trazer a realidade no qual ele está inserido e evidenciar contextos coletivos; b) A existência de determinados elementos que confirmam ao texto informação aliada a uma visão menos “objetivista”, o que não quer dizer, totalmente subjetiva; c) O realce de certas características da vivência dos personagens, com respeito e sensibilidade; d) O uso determinante e coerente de **verbos de locução** diversos, que não caem na mesmice do jornalismo frio e tecnicista diário; e) A forma

¹ Trabalho apresentado no Intercom - XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 10 a 12 de junho de 2010.

² Estudante de graduação 6º semestre do Curso de Jornalismo da FA7, e-mail: samila.jor@hotmail.com

como a narrativa se desenrola, trazendo dados e informações relevantes que acrescentam informações e saberes ao leitor; f) O assentamento de determinado *estilo* de escrita que concilia as técnicas jornalísticas (tais quais, precisão, coerência, concisão) com o aspecto mais literário do jornalismo moderno; g) A percepção de rudimentos que atribuam ao personagem uma conotação de ser enquanto cidadão e agente social.

Faz-se claro que essas são apenas algumas das muitas e distintas formas de arquitetar o Jornalismo Humanizado, mas podem ser destacadas principalmente, por sintetizar a forma e atuação do jornalista que opta por humanizar o seu texto.

Ante a constatação da amplitude das decorrências da atuação profissional dos jornalistas e da existência de condicionadores para o exercício de sua função social, decorre a necessidade de, com a formação desses profissionais, se alcançar compreensão e identificação por meio: a) dos fundamentos éticos prescritos para a conduta dos jornalistas profissionais; b) da atitude de cidadania adequada ao exercício os jornalistas, a partir do reconhecimento das expectativas e necessidades da sociedade, em relação a seu papel social e ao produto de sua atividade. (VICCHIATTI, 2005, p. 70).

III – PROPOSTA DE ANÁLISE DA PRODUÇÃO: SOB O CONCEITO DO JORNALISMO HUMANIZADO

1. Jornalismo humanizado: uma opção

Para fins de melhor esquematização, apenas serão analisadas aqui, trechos das três grandes reportagens definidas para três grupos, no início do semestre 2009.2. A produção dos textos foi designada para ser em equipe. Acabou-se por ser individualizada, para somente depois ser agrupada, sem que os textos dialogassem, o que gerou em redundâncias e falta de nexos. Pode-se dizer que a proposta do emprego do Jornalismo Humanizado não foi alcançada, com apenas aproximações desse modelo de jornalismo.

2. Averiguação da (não) aplicação do conceito no Folha Corrida, segundo suas características

¹ Trabalho apresentado no Intercom - XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 10 a 12 de junho de 2010.

² Estudante de graduação 6º semestre do Curso de Jornalismo da FA7, e-mail: samila.jor@hotmail.com



Para se diferenciar do jornalismo vigente, com seu calculismo objetivo e tecnicista é primordial, ao menos, ter domínio das técnicas básicas, para subvertê-las, renová-las ou substituí-las. Já que não se muda o que se desconhece. Tomando essa idéia para análise, é possível constatar, a partir do seguinte exemplo, a importância da fonte como forma de obtenção de conteúdo e informações, e a falta que depoimentos fazem para completar o sentido do discurso jornalístico. A percepção de rudimentos que atribuam ao personagem uma conotação de ser enquanto cidadão e agente social não foi transportada para o texto. Segue trecho do texto como foi mandado para a lista de e-mails:

“Nascido no Ipu, filho de Seu José de Souza Palhano e de Dona Maria Sena Palhano, Seu José Gésio Palhano, hoje com setenta e três anos já viveu muitas histórias. O criador da tão conhecida Avenida Monsenhor Tabosa começou a mudar seu destino no ano de quarenta e um quando se mudou de Ipu para Crateus com sua família, por lá permaneceu por seis anos, e no ano de quarenta e sete veio morar em fortaleza ,ainda muito menino, com apenas dezoito anos foi visitar seus avós e tios em Teresina no Piauí e por lá permaneceu por doze anos , foi a partir dessa mudança que Seu José começou a fazer sua história, pois ainda muito moço se casou com Dona Esmeraldina Palhano,por quem permanece casado até os dias atuais e completou cinquenta e dois anos de casado, quando resolveram se unir no laço do matrimônio ela tinha apenas quinze anos, e ele dezenove anos a partir daí a vida mudou, afirma o simpático homem, pois, nasceram os filhos, José Gésio Palhano Filho, Sergio Palhano e Esmeraldina Palhano, e a reviravolta chegou, agora trabalhar na loja de calçados como gerente não sustentava mais a casa, então ele decidiu ir para o Mercado Central de Teresina trabalhar por conta própria vendendo sapatos e confecção, mesmo com a vida estabilizada no Piauí seu maior desejo era voltar pra Fortaleza, mas como ele mesmo afirma “gente pobre não tem querer não” então morou muitos anos, mas no ano de sessenta e seis conseguiu voltar a fortaleza carregando sua família feliz da vida, pra ele não a nada melhor do que voltar a sua terra, pois o calor de Teresina não o deixou ficar por lá, Seu José rir ao lembrar de como era sua vida em Teresina”.(Trecho do texto “Perfil Seu José Gésio Palhano” – Trecho da reportagem **O Comércio**)

Esse texto é um perfil, e tal gênero dá maior liberdade ao jornalista para entrar no cotidiano do perfilado, trazendo detalhes interessantes, seja através de sua voz, ou da opinião de parentes, colegas, familiares, amigos e até inimigos. Saber dosar esses fatores, humaniza o texto, o tornando mais leve. O trecho acima traz pedaços da vida do fundador da primeira loja da Avenida Monsenhor Tabosa, usando quase que exclusivamente o discurso indireto. O uso frequente do discurso direto daria uma maior flexibilidade ao texto, à exemplo da da parte “como ele mesmo afirma ‘gente pobre não tem querer não’” (linha 14) Não é possível também, identificar elementos que denotem subjetividade e estilo discursivo apurado.

¹ Trabalho apresentado no Intercom - XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 10 a 12 de junho de 2010.

² Estudante de graduação 6º semestre do Curso de Jornalismo da FA7, e-mail: samila.jor@hotmail.com

Podemos dizer que, sem a humanização, o texto se torna frio, e não se distingue, enquanto transmissor de informação, de outros gêneros, como um relatório ou uma bula de remédio. A matéria como um todo - com intertítulos e quadros que trazem temáticas relacionadas ao tema central - não apresenta o discurso de quem trabalha, vive, convive e constrói a Avenida Monsenhor Tabosa, como era a proposta do projeto do Folha Corrida. Salvo algumas exceções, mas que acabam por pecar em outros tópicos, como a falta de precisão ou a volta ao jornalismo declaratório.

“O comércio não era bem na Monsenhor Tabosa, era na Cinza, lá tinha um porto de pescadores, faz muito tempo, foi bem antes do comércio de roupas, calçados, acessórios. Era como este comércio na Beira Mar, “aqui é um negócio centenário, que infelizmente a prefeitura está querendo acabar”, comenta Zacarias Neto, que trabalha há tempos no local”. (Trecho do texto “O Comércio dos pescadores” – Reportagem **O Comércio**)

“Os comerciários da Avenida Monsenhor Tabosa, abaixam os preços das mercadorias em meses de baixa estação para obter bons lucros. É nesta época que os fortalezenses consomem mais.

Não há mês certo para os lojistas colocarem os produtos em liquidação. “Na hora que nós quisermos, tem desconto na loja. Um biquíni de 30 reais diminui pela metade do preço”, diz Liduína de Lima, vendedora.[...]

Valdilene Andrade que trabalha no Sindilojas – sindicato dos lojistas – diz que ‘não há mês certo para os comerciários colocarem a loja em promoção. Mas deve ser nos meses de março, agosto. É quando os turistas não estão por aqui’”. (Trecho do texto “Comércio na Monsenhor Tabosa rende bons lucros” – Reportagem **O Comércio**)

Vale lembrar que também no texto há alguma precisão, como no trecho: “Nessa época, o faturamento mensal é de 40.000 reais em média por causa dos turistas” (linha 06).

A reportagem que trata do Seminário da Prainha acabou por se ater a conteúdos muito técnicos, voltando-se para o lado da arquitetura e da descrição excessiva de padrões e ornamentos, sem que fosse dada qualquer explicação para quem não tinha conhecimento sobre o assunto. Não foi dado o realce de determinadas características da vivência dos personagens. O problema encontrado aí foi, além da falta de fontes humanas, o uso excessivo de fontes documentais, já que a proposta do projeto seria justamente a humanização.

¹ Trabalho apresentado no Intercom - XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 10 a 12 de junho de 2010.

² Estudante de graduação 6º semestre do Curso de Jornalismo da FA7, e-mail: samila.jor@hotmail.com



personagem e sua experiência de vida para trazer a sua realidade, evidenciando contextos coletivos.

(Trecho
do texto “Acontece no Seminário” – Reportagem **Seminário e Igreja da Prinha: Entre o Tempo e a Fé**)

A reportagem que mais se aproximou da opção pelo Jornalismo Humanizado, na maioria de suas linhas, foi a que aborda a chegada dos primeiros moradores. O texto introdutório também acaba por se prender demasiadamente a pesquisa documental, embora insira depoimentos de um pesquisador. Nas linhas que se seguem, o texto que fala dos moradores está humanizado porque traz a história viva. A história de quem fez, viu ou ouviu, desde pequeno, o nascer e crescer da avenida, de quando era rua tranqüila à instabilidade do corredor comercial. Traça um caminho no resgate histórico oral, também trazendo elementos estilísticos que se adequam ao contexto, sem menosprezar ou estereotipar os personagens. Segue trecho:

“Nas largas calçadas, depois da esquina da Rua Senador Almino, pães de queijo e salgados atraem a atenção dos passantes. Saindo de um estreito corredor da casa onde moram desde que nasceram, as irmãs Leda Maria e Rosangela Braga vendem seus quitutes. Elas logo advertem: ‘Todo mundo tá viajando, vai ser difícil encontrar alguém pra falar disso (do passado)’. Mas, conversa vai, conversa vem, algumas indicações de nomes surgem.” (Trecho do texto “Contando a história...” – Reportagem **Monsenhor Tabosa de Corpo e Alma**)

Atendeu o objetivo de resgatar momentos relevantes da história, e por meio dos próprios agentes que a modelaram e continuam a moldando, trata com cuidado a relação entre história e factualidade. O uso de adjetivos é moderado. Todavia apresenta uma estrutura confusa que poderia ser adequada de outra maneira. Mas, em alguns instantes, foge ao

¹ Trabalho apresentado no Intercom - XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 10 a 12 de junho de 2010.

² Estudante de graduação 6º semestre do Curso de Jornalismo da FA7, e-mail: samila.jor@hotmail.com

lugar comum. Como existem várias formas de se dar a mesma informação, na busca pela diferenciação, a recorrência a determinados elementos estilísticos é essencial. O que é perceptível na comparação entre os dois trechos que ponderam sobre o mesmo tema, o casamento de um casal de idosos.

“foi a partir dessa mudança que Seu José começou a fazer sua história, pois ainda muito moço se casou com Dona Esmeraldina Palhano, por quem permanece casado até os dias atuais e completou cinquenta e dois anos de casado”. (Trecho do texto “Perfil Seu José Gésio Palhano” – Reportagem **O Comércio**)

“A casa é simples, interiorana. De grande riqueza só mesmo o diamante das bodas – 60 anos de casados”. (Trecho do texto “Contando a história...” – Reportagem **Monsenhor Tabosa de Corpo e Alma**)

Outros trechos da matéria correspondem a busca pela contextualização e humanização das realidades e personagens/fontes, pode-se notar o uso adequado e criativo do verbo de locução, como o seguinte:

“O estudante Wesley Azevedo Rocha, de treze anos, também critica a atuação dos órgãos públicos na região: ‘Nunca vi a prefeitura fazer nada para melhorar a vida de ninguém. Nem as campanhas de prevenção contra dengue que eu vejo na televisão chegaram aqui. A gente fica sabendo que os PM’s chegam batendo em todo mundo, das bocas de fumo que tem por aqui, de um monte de coisa...’, cochicha” (Trecho do texto “De onde vem essa graviola? – Reportagem **Monsenhor Tabosa de Corpo e Alma**)

Porém, declarações extensas devem se tornar mais concisas, fugindo do jornalismo declaratório, sendo transformadas em discurso indireto, como por exemplo no trecho abaixo:

“‘‘Todo auxílio que recebemos para manter nossas atividades chega dessa promoção. Arrecadamos nossas notas fiscais com a ajuda de alguns amigos e pronto. Nós não temos assistência de ninguém. Falta tudo! Não tem curso profissionalizante, não tem reforço escolar, não tem emprego, não tem o apoio da prefeitura, não tem professora nessa escola. Quem dá aula ali são as voluntárias. Você sabe que descer a rua e assaltar os turistas acaba sendo fonte de renda. Quando alguém vai procurar emprego e dá o endereço daqui ninguém quer empregar, porque acha que todo mundo aqui é ladrão’, indigna-se”. (Trecho do texto “De onde vem essa Graviola” – Reportagem **Monsenhor Tabosa de Corpo e Alma**)

Conclusão

A disciplina de Jornal Laboratório foi proveitosa no sentido de produção e também de

¹ Trabalho apresentado no Intercom - XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 10 a 12 de junho de 2010.

² Estudante de graduação 6º semestre do Curso de Jornalismo da FA7, e-mail: samila.jor@hotmail.com

apreensão de técnicas, conhecimentos e valores, tanto no campo jornalístico, quanto no campo da ética. A escolha de um logradouro específico, mesmo que a princípio não tenha sido de todo aceito, fez com que preconceitos fossem derrubados. E mostrou que o jornalismo contextualizado pode tentar ser feito, independente do local. O conceito do Jornalismo Humanizado pode e deveria ser aplicado na construção de qualquer texto jornalístico, mesmo enquanto estudantes.

Referências bibliográficas

LOPES, Dirceu Fernandes. **Jornal Laboratório: do exercício escolar ao compromisso com o público leitor.** São Paulo: Summus, 1989.

RIO, João do. **A Alma Encantadora das ruas.** Crônicas 2. ed.. São Paulo. Ed. Martin Claret Ltda, 2008..

DIMENSTEIN, Gilberto. KOTSCHO, Ricardo. **A aventura da Reportagem.** São Paulo: Summus, 1990.

VICCHIATI, Carlos Alberto. **Jornalismo: comunicação, literatura e compromisso social.** São Paulo: Paulus, 2005.

FORTES, Leandro. **Jornalismo Investigativo.** São Paulo: Contexto, 2007.

HISTÓRIA, Revista Aventuras da. Disponível em:

<<http://historia.abril.com.br/comportamento/caminhar-rumo-flanando-paris-435984.shtml>>. Acesso em: 06 dez 09.

ABRAJI, Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo. Disponível em:

<<http://www.abraji.org.br/?id=78>>. Acesso em: 06 dez 2009

¹ Trabalho apresentado no Intercom - XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 10 a 12 de junho de 2010.

² Estudante de graduação 6º semestre do Curso de Jornalismo da FA7, e-mail: samila.jor@hotmail.com